

# O RETRATO RODRIGUEANO NA TV: UMA TRAJETÓRIA ATRAVÉS DOS FORMATOS DE TELEFICÇÃO

## RESUMO

Tomando a produção televisiva brasileira realizada após o advento do vídeoteipe (utilizado oficialmente no Brasil a partir de 1961) como objeto de estudo, este trabalho, recorta da teledramaturgia as transposições televisivas da obra de Nelson Rodrigues. Através de um levantamento histórico que localiza e contextualiza as produções feitas a partir de textos de Nelson Rodrigues, o presente artigo objetiva chamar a atenção para a relevância do legado deste grande dramaturgo dentre a história da teleficção. Esse levantamento, de natureza quantitativa, inclui tanto produções feitas exclusivamente para a televisão, quanto produções originalmente destinadas à exibição em cinemas, no entanto, exibidas mais tarde sob formatos abrigados pelo gênero teledramaturgia. A metodologia adotada ocupou-se de revisão de literatura e da organização dos dados recolhidos através de bibliografia acadêmica e periódicos de circulação nacional, em diálogo com o histórico da mídia televisiva no país. Ao final do levantamento, percebe-se que a presença de obras adaptadas de Nelson Rodrigues na televisão são tão numerosas quanto as adaptações de Jorge Amado ou José de Alencar,<sup>1</sup> porém, a dispersão das obras rodrigueanas dentre diversos gêneros e formatos transmite a falsa impressão da presença diáfana do dramaturgo na história da teleficção.

• **Paula Carolina Petreca**  
Atriz e radialista; pela graduada em Radialismo na Universidade Metodista de São Paulo; mestranda do programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues, televisão brasileira, adaptação literária.

## ABSTRACT

Taking the Brazilian television production put into effect after the breakthrough of the videotape (officially used in Brazil since 1961) as our object of study, this assignment outlines the teledrama as well as the television transpositions in Nelson Rodrigues' work pieces. By means of historical research that places and contextualizes productions from Nelson Rodrigues' texts, this article aims at drawing attention to the relevance of this great dramatist's legacy within telefiction history. This quantitative research includes both televisionscope productions and cinemascope ones, although some of the latter eventually exhibited in other formats taken as teledrama genre. The adopted methodology occupies with literature review as well as with organizing the collected data through academic bibliography and national circulation journals on dialogue with our country's television media history. Towards the end of the research, it is noticeable that the presence of adapted pieces by Nelson Rodrigues on television is as big as the one of Jorge Amado's or José de Alencar's (respectively 11 and 10 teledrama transpositions each), although the diffusion of the rodriguean pieces among the range of genres may convey the false impression of a diaphanous presence of the dramatist's in telefiction history.

**Keywords:** Nelson Rodrigues, brazilian television, literary adaptation.

1 - Segundo os livros 'Memória da Telenovela Brasileira' de Ismael Fernandes e, o 'Dicionário da TV Globo', Jorge Amado recebeu 11 adaptações [1975. Gabriela (telenovela, Rede Globo); 1975. A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água (caso especial, unitário, Rede Globo); 1981/82. Terras do Sem Fim (telenovela, Rede Globo); 1985. Tenda dos Milagres (minissérie, Rede Globo); 1989. Capitães de Areia (minissérie, Rede Bandeirantes); 1989/90. Tieta (telenovela, Rede Globo); 1992. Tereza Batista (minissérie, Rede Globo); 1995. Tocaia Grande (telenovela, Rede Manchete); 1998. Dona Flor e Seus Dois Maridos (minissérie, Rede Globo); 2001. Porto dos Milagres (telenovela, Rede Globo); 2002. Pastores da Noite (minissérie, Rede Globo)]; e José de Alencar, considerando apenas as adaptações realizadas após o advento do vídeoteipe, contabiliza 10 produções [1962. Senhora (telenovela, TV Tupi); 1963. Sonho de Amor (telenovela adaptada de 'O Tronco do Ipê', TV Rio); 1966/67. As Minas de Prata (telenovela, TV Excelsior); 1972. O Preço de um Homem (telenovela adaptada de 'Senhora', TV Tupi); 1975. Senhora (telenovela, Rede Globo); 1977/78. Sinhazinha Flô (telenovela adaptada das obras 'Til', 'A Viúvinha' e 'os sertanejos', Rede Globo); 1982. O Tronco do Ipê (telenovela, TV Cultura); 1991. O Guarani (minissérie, Rede Manchete); 1993. Lucíola (caso especial, unitário, Rede Globo); 2005. Essas Mulheres (telenovela, Rede Record)].

Rodrigues on television is as big as the one of Jorge Amado's or José de Alencar's (respectively 11 and 10 teledrama transpositions each), although the diffusion of the rodriguean pieces among the range of genres may convey the false impression of a diaphanous presence of the dramatist's in telefiction history.

A importância de Nelson Rodrigues é indiscutível para a cultura nacional: um vasto legado de obras monumentais, referenciais para o teatro, a imprensa, a literatura e até mesmo para o cinema brasileiro, através das inúmeras adaptações de textos do autor realizadas no país. Contribuição considerável desta obra também fora destinada à teleficção; de textos originais à adaptações, uma variedade de programas deste gênero foi levada ao ar, e um levantamento quantitativo específico acerca da presença rodrigueana neste veículo é o que se apresenta nas linhas que se seguem.

O presente artigo objetiva chamar a atenção para a relevância do legado deste grande dramaturgo dentre a história da teleficção por meio de uma metodologia baseada na revisão de literatura.

Um mapeamento preliminar feito no panorama da ficção televisiva no Brasil revela que as histórias de Nelson Rodrigues estiveram presentes desde os primórdios do funcionamento do veículo até os dias de hoje. Sabe-se (FILHO, 2001) que o dramaturgo escreveu roteiros para o *TV de Vanguarda* (um programa no formato teleteatro que encenava ao vivo adaptações de clássicos do teatro e da literatura estrangeira). Além de ter textos seus como o célebre *Vestido de Noiva*, adaptado pelo *Grande Teatro Tupi* (VACCHIANO, 2005). Mas é a partir da década de 1960, com a consolidação da ficção como gênero, através da telenovela como formato, que sua presença adquire maior relevância para o estudo da tele-dramaturgia nacional.

Sua obra fora apresentada sob os mais variados formatos teleficcionais. Porém, a variabilidade de formatos, e, a presença dispersa no decorrer das décadas contribuí para a impressão de que o retrato televisivo desta obra se encontra diluído, o que pode colaborar para o equivocado despercebimento da relevância de Nelson Rodrigues para a teleficção nacional. O panorama destas produções mostra-se um tanto quanto fragmentado devido à heterogeneidade de formatos: foram levadas ao ar telenovelas, minisséries, teleteatros, especiais, séries e unitários, conforme descrição no quadro abaixo.

A estruturação deste diagrama permitiu denotar de uma série de relevâncias, dentre elas:

- O fato de Nelson Rodrigues, ao escrever *A morta sem espelho*, tornar-se o primeiro autor brasileiro de uma telenovela nacional diária;
- A influência estilística do teatro na linguagem adotada pelas primeiras adaptações;
- O diálogo direto entre a produção televisiva mais recente com as adaptações cinematográficas que a obra do dramaturgo recebera;
- O número quase equivalente de produções

Década	Formato	Produção	Emissora
Anos 1960	Telenovela	1963 – A morta sem espelho 1964 – Sonho de amor 1964 – O desconhecido	TV Rio
Anos 1970	Teleteatro	1974 – Teatro 2 – Vestido de noiva 1979 – Aplauso – Vestido de noiva	TV Cultura Rede Globo
Anos 1980	Especial  Telenovela Minissérie Teleteatro	1981 – Paixão segundo Nelson Rodrigues (unitários exibidos em virtude do aniversário de um ano de morte do dramaturgo) 1982 – O homem proibido 1984 – Meu destino é pecar 1985 – Teatro 2 – Senhora dos afogados (reestréia do programa Teatro 2)	Rede Globo  TV Cultura
Anos 1990	Minissérie  Série	1995 – Engraçadinha: seus amores e seus pecados 1996 – A Vida como ela é... – unitários	Rede Globo
A partir do ano 2000	Unitário	2002 – Brava gente (exibição, no formato de unitários, dos três episódios do filme Traição. Em virtude do aniversário de 90 anos de nascimento de Nelson Rodrigues) 30/7/2002 – O primeiro pecado 6/8/2002 – Diabólica 13/8/2002 – Cachorro	Rede Globo

seriadas e não-seriadas realizadas;

- Além da já citada variabilidade de formatos ao qual a obra se adequara.

Nas linhas seguintes descreveremos a trajetória da dramaturgia de Nelson Rodrigues ao longo da história da televisão.

### **Anos 1960: pioneirismo na teledramaturgia**

Um dado interessante no panorama histórico das telenovelas brasileiras é o fato de ter sido *A morta sem espelho*, de Nelson Rodrigues, a primeira telenovela diária de um autor nacional. A idéia partiu do diretor de programação da TV Rio, o então jovem Walter Clark, que pretendia trazer à televisão uma produção genuinamente brasileira, visto o crescente sucesso do formato no país, apesar do uso do texto latino traduzido (como em *O direito de nascer*).

Assim, uma telenovela em que, do autor à trilha sonora (assinada por Vinicius de Moraes), tudo fosse de procedência local mostrava-se um projeto extremamente audacioso (CASTRO, 1992). Naqueles meados da década de 1960, vinte anos após a estréia de *Vestido de noiva* nos palcos, Nelson Rodrigues já era considerado o maior dramaturgo do país. Sua carreira como jornalista ainda era, porém, sua principal fonte de sustento.

Aos 51 anos, assinava a famosa coluna de crônica esportiva *À sombra das chuteiras imortais*, no jornal *O Globo*, de Rober-

to Marinho, que o acolhera após rápida passagem pelo *Diário da Noite*, de Assis Chateaubriand, para onde migrara depois de sua turbulenta saída do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, onde trabalhou por mais de uma década. Foi no *Última Hora* que escrevera diariamente, durante os anos 1950, a coluna *A vida como ela é...* que fizera um estrondoso sucesso em todo o Rio de Janeiro. Esta coluna serviu de laboratório criativo para a fase de seu teatro mais bem-sucedida junto ao público: as tragédias cariocas. A última peça que Nelson havia escrito até então, Otto Lara Rezende ou Bonitinha, mas ordinária, em 1962, fora a quinta peça deste ciclo, que estava longe de mostrar sinais de esgotamento.

Além do salário pago pelo *O Globo* e da porcentagem do lucro advinda da montagem de suas peças, Nelson Rodrigues necessitava realizar trabalhos extras para complementar seu orçamento (que incluía a pensão da ex-mulher, Dona Elza, e também as despesas do lar atual que partilhava com a mulher Lúcia, e a filha deficiente Daniela). Para “dar conta” de tantos gastos, o jornalista participava como comentarista de uma das primeiras mesas-redondas sobre futebol no país: o programa Grande resenha Facit, da TV Rio. fora nesta emissora que conhecera o executivo Walter Clark, diretor de programação do canal, de quem se tornara amigo íntimo.

Esta amizade foi um dos fatores, considerando também o prestígio de Nelson como dramaturgo, que determinaram sua escolha para a confecção do texto da primeira telenovela nacional diária. Porém, foi justamente assinatura de Nelson Rodrigues, uma das causas determinantes para o fracasso da atração. O juizado de menores logo “implicou” com a autoria da produção, e determinou que a telenovela (que em sua estréia fora exibida às 19 horas) só fosse ao ar às 23 horas, horário malgrado na grade brasileira da época.

A trama focava a história de uma mulher que após trair o marido, recebe a punição inexplicável de não conseguir mais ver seu reflexo no espelho (ESQUENAZI, 1993). O fato de o enredo trazer uma personagem adúltera entre os protagonistas, foi o que incomodou de imediato a censura, sem mencionar o, ainda que discreto, pano de fundo incestuoso que conduzia a trama. Cabe aqui observar a retomada, por parte do autor, da temática fantástica; uma vez que, na época em que *A morta sem espelho* fora escrita, Nelson já se encontrava em uma fase mais realista de sua dramaturgia (as *Tragédias cariocas*). No entanto, este enredo centralizado em uma protagonista que não consegue mais ver sua imagem refletida no espelho, parece muito mais afinado às estruturas recorrentes nas fases *Psicológicas* e *Míticas* de seu teatro.<sup>2</sup>

A telenovela *A morta sem espelho* era inovadora em muitos aspectos. Um deles foi revolucionar o padrão de cenografia vigente até então, ao construir um apartamento de verdade nos estúdios da TV Rio. Além disso, a trama levou ao ar cenas antológicas para a história da teledramaturgia nacional, mostrando momentos cotidianos e não apenas encenações romantizadas, como na cena que a personagem do ator Ítalo Rossi acorda a atriz Isabel Tereza, intérprete de sua esposa, empunhando um revólver para ela e dizendo “*acorda para morrer*”. Outro momento marcante eram as cenas da personagem de Zilka Salaberry que segundo a atriz, “era uma mulher suburbana, do tipo que senta no banheiro enquanto o marido faz a barba e desata a falar sem parar” (ESQUENAZI, 1993. p 99).

A música tema da novela era também algo inovador. Composta por Vinicius de Moraes em parceria com Baden Powell e cantada pela atriz Fernanda Montenegro, intérprete da personagem Vera, que gravou toda novela em planos médios e closes já que estava grávida de seu primogênito: Cláudio Torres (RITO, 1991). Não bastante, a novela contava com uma *voice over* conduzindo os fatos, e quem fazia esta narração era o próprio Nelson Rodrigues, mesmo com sua dicção frouxa e arrastada. Para completar, o filho mais velho do autor, Joffre Rodrigues, fazia par-

te elenco, como irmão da personagem da Fernanda Montenegro.<sup>3</sup>

Tanta ousadia e investimento justificaram o fato de Walter Clark ter implorado até a intercessão do Bispo Dom Helder Câmara, para que fosse liberado um horário mais digno para a exibição do folhetim. Tudo que conseguiram, no entanto, foi que o juizado adiantasse em meia hora sua restrição. Deste modo, a TV Rio levou *A morta sem espelho* ao ar às 22 horas e 30 minutos, horário não promissor ao alavanque da audiência.

O fracasso junto ao público fez com que a emissora antecipasse o final da produção, encomendando de Nelson Rodrigues as laudas finais da telenovela apenas dois meses após sua estréia. O folhetim levado ao ar no ano de 1963, com direção de Sergio Britto, trazia um elenco de peso, encabeçado pelo próprio Sergio Britto, junto aos atores Ítalo Rossi, Fernanda Montenegro, Zilka Salaberry, Fernando Torres, Joffre Rodrigues, Isabel Teresa, Antonio Pitanga, Aldo de Maio, Rosita Tomás Lopes, Maria Esmeralda, Jaime Barcelos e os estreantes em televisão: Paulo Gracindo e Francisco Cuoco.

A segunda investida de Nelson Rodrigues como teledramaturgo deu-se com a telenovela *Sonho de amor*, uma adaptação do romance *O tronco do ipê*, de José de Alencar, o qual segundo conta Ruy Castro (1992), Nelson nunca lera, tendo

aberto o livro apenas para conhecer os nomes das personagens e escrever sua própria trama. *Sonho de amor* também foi levada ao ar pela TV Rio, às 17 horas e 30 minutos durante os meses de abril e maio de 1964. A direção da telenovela ficou mais uma vez a cargo de Sérgio Britto, que também atuou na produção ao lado de atores como Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi e Zilka Salaberry, que já haviam participado da telenovela anterior de Nelson Rodrigues.

Sua última intervenção como dramaturgo em televisão, deu-se com *O desconhecido*. Nesta telenovela, a trama enfocava um louco de guerra que, fugindo de um manicômio, chegava a uma cidade desconhecida e alterava a vida de todos os moradores. Produzida novamente pela TV Rio, *O desconhecido* foi ao ar entre os meses de agosto e setembro de 1964, com direção de Fernando Torres, trazia Jece Valadão, Nathalia Thimberg Carlos Alberto e Joana Fomm, entre outros, no elenco (FERNANDES, 1997).

Foi esta toda a contribuição que Nelson Rodrigues dispensou, de forma direta, à teledramaturgia brasileira, na qual a mais marcante é o fato de ter sido o primeiro autor nacional de uma telenovela diária, que a experiência de Nelson como teledramaturgo em si.

2 - Segundo o crítico Magaldi (1987), as peças teatrais de Nelson Rodrigues podem ser agrupadas em três ciclos: o psicológico (*A mulher sem pecado*, *Vestido de noiva*, *Valsa nº 6*, *Viúva porém honesta* e *Anti-Nelson Rodrigues*), o mítico (*Álbum de família*, *Anjo negro*, *Senhora dos afogados* e *Dorotéia*), e as tragédias cariocas (*A falecida*, *Perdoa-me por me traíres*, *Os sete gatinhos*, *Boca de ouro*, *Beijo no asfalto*, *Bonitinha, mas ordinária*, *Toda nudez será castigada* e *A serpente*).

3 - Informação concedida por Mario Vitor Odenbreit Rodrigues, filho do primogênito de Nelson, Joffre Rodrigues, em depoimento concedido a esta autora em 28 de maio de 2005.

## Anos 1970 e 1980: aposta nos sucessos

Um hiato de dez anos se fez entre a exibição da última telenovela escrita por Nelson Rodrigues, e a transmissão de outra obra do autor pela televisão brasileira. Após os insucessos da investida televisiva o autor não voltou a produzir ficções para este veículo. Sendo assim, somente adaptações de sua obra teatral e literária foram levadas ao ar posteriormente. Ou seja, ao invés de arriscarem novos insucessos, as emissoras e produtores preferiram apostar em obras consagradas de Nelson Rodrigues para transposições televisivas. Fora desta forma que a obra rodrigueana conheceu o sucesso diante dos telespectadores.

Em 1974, o encenador paulista Antunes Filho, adaptou a peça homônima de Nelson Rodrigues, *Vestido de noiva*, para o programa *Teatro 2*, série de teleteatros produzida pela TV Cultura de São Paulo. O programa, que foi ao ar no dia 28 de dezembro às 23 horas, tornou-se um marco do formato teleteatro na televisão brasileira, e também um clássico no gênero teleficção, sendo assim, reexibido diversas vezes, em ocasiões comemorativas de aniversários do dramaturgo ou da própria TV Cultura. Alguns dos fatores responsáveis por fazer deste programa um clássico foram os recursos encontrados por Antunes Filho na concepção de sua adaptação. No que diz respeito ao texto, o diretor afirma ter feito cor-

tes cirúrgicos no original de Nelson Rodrigues, preservando, no entanto, todas as idéias, todas as metáforas e o ritmo peculiar dos diálogos do dramaturgo.

Antunes incorporou o fazer artesanal empregado na produção teatral em sua "montagem televisiva", combinando cenários realistas (locações externas) com expressionistas (cenografia de estúdio), uso diferenciado de câmera optando por desfoques propositalmente e poucas incursões de profundidade, valorizando assim a ocupação horizontal do espaço. Neste, o encenador dispôs o elenco em cena por quase toda duração do programa, colocando-os muitas vezes estáticos, formando *tableaus* (presentes até hoje nas encenações teatrais de Antunes, como marca estética do diretor). A gravação em preto e branco somada à iluminação de altos contrastes (ora marcada, ora difusa) contribuiu para a acentuação das nuances entre as atmosferas: realista, alucinatória e onírica. A interpretação do elenco também estava repleta de traços de teatralidade: atores dirigindo-se diretamente para a câmera, os já citados *tableaus* formados pelo elenco constituindo um espaço anexo para a ação dos protagonistas, as inflexões vocais extremadas que foram mantidas nos diálogos conservando seu caráter expressionista.

Protagonizado por Lílian Lemmert, Edwin Luisi, Célia Olga e Nathalia Thimberg (respectivamente como Ala-

íde, Pedro, Lucia e Madame Clessi), trazendo ainda as atuações de Denise Stoklos, Walkiria Lobo, Mirtes Mesquita, Hilda Sohn, Eleonor Bruno, Sebastião Campos e João Candido,<sup>4</sup> e com direção mestra de Antunes Filho, a exibição do programa teve grande impacto dentre a classe artística, de forma a reafirmar a genialidade de Nelson Rodrigues diante a televisão (FARIA, 2004).

Cinco anos mais tarde, a Rede Globo de Televisão, já consolidada como maior emissora do país, lançava também sua série de teleteatros, era o programa *Aplauso*, criado no intuito de revigorar o formato destinando-o a um público mais restrito. Vestido de noiva foi à adaptação de estréia deste novo programa, que ocorreu em 21 de maio de 1979, às 22 horas. A escolha da peça era garantia certa de sucesso, e por isso a produção fora bastante elaborada, com direção a cargo de Paulo José e texto adaptado por Domingos de Oliveira. Nos papéis principais tinha-se Suzana Vieira como Alaíde, Joana Fomm como Lúcia e Dina Sfat, impecável, como Madame Clessy. O teleteatro contou ainda com atuações de Tônia Carreiro, Othon Bastos, Dionísio Azevedo, Milton Gonçalves, Domingos Oliveira, Heloisa Helena, Eduardo Machado, Elias Martins, Ary Coslov, Fabio Massimo, Rejane Schurmann, Fabíola Francarolli, Ivan Candido, Lourdes Mayer, Jose Heitor Cony, Oswaldo Macedo, Rogério Fróes, Lafayette Galvão, Pascho-

4 - Boletim Especial de Programação: 30 Anos. Website da TV Cultura - <[www.tvcultura.com.br/30anos/index.htm](http://www.tvcultura.com.br/30anos/index.htm)>, acesso em 1º.5.2005.

al Villaboim e Tônia Scher (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). Porém, a investida global não teve a mesma inventividade, logo também não teve o mesmo impacto da versão de Antunes Filho para a TV Cultura.

Após estes dois tele-teatros adentra a década de 1980, quando a obra de Nelson Rodrigues ganhou maior número de adaptações na televisão, sob quase todos os formatos de teleficção. Poder-se-ia supor este aumento da produção rodrigueana na tevê em decorrência de seu falecimento, dado em 21 de dezembro de 1980. Porém, a hipótese oferece poucos elementos a sua sustentação. Primeiramente porque as adaptações não foram exibidas com sazonalidade, o que poderia dar-se, por exemplo, nos aniversários de seu falecimento, com exibição de especiais que reavivassem sua memória. No entanto, como ilustração deste exemplo, tem-se apenas o caso do especial *Paixão segundo Nelson Rodrigues*, que a Rede Globo levou ao ar em 21 de dezembro de 1981, na faixa das 22 horas.

O programa produzido por Daniel Filho trazia duas crônicas de *A vida como ela é...* na forma de episódios, adaptados e dirigidos por Antonio Carlos da Fontoura. O primeiro episódio intitulado *Um grande amor* contava a história de uma moça reprimida que passava a viver uma paixão descontrolada. O segundo episódio, chamado *Último desejo*, tratava do universo de

um rapaz criado pelas tias, segundo uma educação severa, e que acaba se suicidando com o vestido de sua noiva. Ambas as histórias tratavam de amor e morte, temas recorrentes na obra de Nelson Rodrigues. Entre os atores que participaram do especial estão Andréa Beltrão, Camila Amado, Cláudio Correa e Castro, Duse Nocaratti, Jardes Macalé, Lupe Gigliotti, Mauro Mendonça, Nelson Dantas e Thelma Reston. Além de celebrar a data, o especial *Paixão segundo Nelson Rodrigues* serviria como piloto para a série *Avant première*, que a emissora acabou por não dar continuidade (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).

Nesta década, a Globo ainda levou ao ar adaptações de dois romances de Suzana Flag, pseudônimo que o dramaturgo utilizava para escrever folhetins, cujo sucesso, enquanto publicação em jornal, fora absoluto. A primeira adaptação foi *O homem proibido*, folhetim de 1951, levado ao ar como telenovela entre março e agosto de 1982. A trama girava em torno da órfã Joyce (Lídia Brondi), que é criada pelos tios: o amoroso Dário (Leonardo Villar) e a hostil Flávia (Lilian Lemmert); e tem na prima Sonia (Elizabeth Savalla) a melhor amiga. No entanto, esta amizade converte-se em desavença quando Joyce se apaixona pelo médico Paulo (David Cardoso), namorado de sua prima Sonia, repetindo a rivalidade que existira entre a mãe de Joyce, Senhorinha

e sua irmã Flávia que no passado disputaram o amor de Dário. O triângulo amoroso ganha um novo elemento com a chegada de Carlos (Edson Celulari) rapaz, cuja origem humilde é escondida em virtude de sua paixão por Joyce. Esta, por sua vez, o despreza em razão de sua paixão doentia por Paulo, que a leva até a simular uma cegueira para se aproximar do médico.

Dirigida por Gonzaga Blota, a produção causou polémica por levar uma história de Nelson Rodrigues ao ar às 18 horas, com o agravante de trazer no elenco David Cardoso e Alba Valéria, dois atores cuja fama provinha do cinema erótico. Tais fatores levaram a implicação da censura, que atrasou em um dia a estréia da telenovela, contratempo que por fim servira como chamariz para expectadores, cujo interesse pela telenovela ainda não havia sido despertado. O fato é que a adaptação do texto feita por Teixeira Filho intensificou os elementos melodramáticos do original, e criou tramas paralelas a partir da inclusão de novos personagens na história, inseridos nos núcleos familiares dos protagonistas, dispersando assim a tensão dramática (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).

Um elemento peculiar de Nelson Rodrigues, que foi bem aproveitado tanto pelo texto quanto pela produção da adaptação foi a estética *kitsch*, já explorada pelo cineasta Arnaldo Jabor em suas adaptações cinematográficas (*Toda nu-*

*dez será castigada e O casamento*). O recurso kitsch conferiu realce especial a cafonices suburbanas e reforçou na tônica adequada o melodramático de cenas, como a que Carlos (Edson Celulari) está rezando na Igreja da Penha, pedindo a Nossa Senhora para esquecer Joyce (Lídia Brondi), quando seu lamento é interrompido por uma voz que vem do fundo da capela. Ao virar-se, o rapaz encontra Joyce que veio implorar sua companhia e seu amor. Extasiado Carlos volta-se ao altar para agradecer à santa, mas em seu lugar o que vê é a amada vestida de Nossa Senhora da Penha (SILVEIRA, 1982).

A segunda adaptação de uma história de Suzana Flag foi de seu mais famoso folhetim, *Meu destino é pecar*, de 1944. A obra, na época de sua publicação seriada, foi capaz de impulsionar as vendas de *O Jornal*, de Chateaubriand, de três mil para trinta mil exemplares. Sua adaptação para a tevê ocorreu no formato minissérie. Com direção de Denise Sarraceni e roteiro de 20 capítulos assinados por Euclides Marinho, *Meu Destino É Pecar* manteve fidelidade à trama original, contando inclusive com o recurso de narração em 3ª pessoa, incorporado a trama na voz over de Armando Bogus conduzindo os fatos. O enredo em si desenrola-se em torno da protagonista Leninha (Lucélia Santos), que é obrigada a se casar com Paulo (Tarcísio Meira) e viver com ele em uma fazenda isolada. O

ambiente estranho e a influência da família do marido, distancia cada vez mais o casal, levando Leninha a se apaixonar por Maurício (Marcos Paulo), o cunhado galanteador.

A Rede Globo preocupou-se em não definir a época em que se passa a estória, por considerar que muitos preconceitos e conflitos abordados no folhetim (adultério, por exemplo) eram temas ainda válidos na época em que se deu a exibição da minissérie (SILVEIRA, 1982). A presença de Lucélia Santos como protagonista da estória era um dos grandes trunfos da produção, uma vez que a atriz havia acabado de protagonizar uma seqüência de adaptações da obra de Nelson para o cinema (*Bonitinha, mas ordinária* – 1980; *Engraçadinha* – 1981; *Álbum de família* – 1981), estando então sua imagem evidentemente atrelada ao universo do autor.

A última produção rodrigueana para a tevê nesta década se deu em 1985, quando a TV Cultura retomou a produção de teleteatros, e levou ao ar, em seu aclamado programa *Teatro 2*, a exibição da encenação televisiva de *Senhora dos afogados*, cuja adaptação ficou sob responsabilidade de Carlos Queiroz Telles e a direção a cargo de Antônio Abujamra. De todas as produções concebidas desde os anos 1970, esta adaptação foi a mais ousada. Primeiramente, pela escolha da peça em si: *Senhora dos afogados* pertence ao ciclo das peças míticas,

o mais malgrado da carreira de Nelson Rodrigues. Além disso, o diretor Antônio Abujamra, ao invés de um teatro, optou por fazer de uma praia no Guarujá o palco de sua encenação. Sem falar no figurino todo branco e as maquiagens fantasmagóricas, entre outros elementos plásticos que ressaltaram os signos indicados no texto, enquadrando a versão televisiva de *Senhora dos afogados* à estética expressionista, um estilo até então, raramente utilizado em produções para a tevê. Toda essa ousadia culminou em um programa singular, constituinte de em uma verdadeira obra de arte realizada em vídeo. Estrelado por Françoise Fourton, João José Pompeu, Fernando Peixoto, Tânia Bondezan, Paulo Gorgulho e Rosinha Petrin (RAZUK, 2003).

Considerando todos os teleteatros produzidos pela tevê brasileira, pode parecer inexpressiva a aparição de somente duas das 17 peças de Nelson Rodrigues, dentre todos textos teatrais que ganharam versões para o formato televisivo. Porém, a qualidade das adaptações de *Vestido de noiva* e *Senhora dos afogados* se faz diferencial quando comparadas a todas as peças que se produziram neste formato, não apenas pelo rigor da encenação, mas pela transposição tão sensível e ao mesmo tempo verborrágica destas encenações, que explicitam todo potencial artístico da cultura nacional. Estabelecendo-se como paradigmas eruditos da obra

rodrigueana retratada pela tevê, os teleteatros de Antunes Filho e Antônio Abujamra constituem duas obras-primas da TV brasileira, que chegaram até a serem exibidas em outros países.

### **Anos 1990 até o presente: narrativo impõe-se sobre o dramático nas adaptações**

Passaram-se novamente dez anos para que outra adaptação televisiva da obra de Nelson Rodrigues fosse produzida, o que aconteceu em 1995, na Rede Globo. À época, a emissora já havia consolidado um elevado padrão na confecção de suas minisséries, tornando as produções deste formato um dos produtos de maior rigor da empresa e conferindo prestígio à faixa horária das 22 horas e 30 minutos. E foi exatamente no *late time* de sua grade horária que fora exibida a adaptação do folhetim *Asfalto selvagem*, transformado na minissérie *Engraçadinha, seus amores e seus pecados*, cujos 18 capítulos foram levados ao ar entre abril e maio do ano de 1995.

Publicado originalmente entre os anos de 1959 e 1960, no jornal *Última Hora*, *Asfalto selvagem* fora editado posteriormente em dois volumes: *Asfalto selvagem - Engraçadinha, seus amores e seus pecados - dos 12 aos 18* e *Asfalto selvagem - Engraçadinha depois dos 30*. Estes subtítulos são facilmente denotáveis na adaptação feita por Leopoldo Serran para a televisão, já que a minissérie dirigida por Denise Sarraceni, é composta

por duas fases: a primeira, trazendo a atriz Alessandra Negrini encarnando a jovem e fogosa Engraçadinha, que na segunda fase é vivida por Cláudia Raia, a Engraçadinha depois dos 30: mulher amarga e recalçada, que esconde seu passado leviano sob a imagem de mulher religiosa, que, no entanto, ao perceber em sua filha caçula um temperamento similar ao seu quando jovem, acaba por reavivar sua sexualidade latente, que mantivera, por anos, reprimida.

O enredo principal focava temas recorrentes à obra de Nelson Rodrigues, tais como incestos, suicídios, obsessões, adultérios e homossexualismo, contudo, a produção foi assertiva no tratamento dado à minissérie, conferindo uma poética às perversões, tornando-a, assim, um sucesso estrondoso de público e crítica.

A qualidade técnica da atração também foi responsável por sua consagração. Destaca-se o primoroso trabalho de direção de arte, que desenvolveu uma aprofundada pesquisa para ressaltar as diferenças estéticas entre a primeira (ambientada no final dos anos 1930) e a segunda fase da minissérie (ambientada na década de 1950), demonstrando uma riqueza de detalhes de cenografia e figurino (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). Também se destaca a qualidade das atuações no todo, com destaque para a coesão dramática nas interpretações das protagonistas Alessandra Negrini e Cláudia Raia;

e também o desempenho dos atores Cláudio Correa e Castro e Maria Luisa Mendonça, irrepreensíveis na pele do pai moralista, o deputado Dr. Arnaldo e da prima obsessiva, a lésbica Letícia, respectivamente. A minissérie foi reprisada por duas vezes, a primeira em setembro de 1998, e a segunda entre agosto e setembro de 2002, em virtude das comemorações de 90 anos do nascimento de Nelson Rodrigues.

Em março de 1996, a Rede Globo apresentou aos telespectadores mais uma adaptação inédita do dramaturgo com o início da exibição da série... unitários com cerca de nove minutos de duração, exibidos como quadro do programa Fantástico. A atração manteve o nome da coluna, já citada, que Nelson Rodrigues escrevia diariamente para o jornal *Última Hora* entre os anos de 1951 e 1961.

Naquela época, a coluna fez estrondoso sucesso, sendo comum em todo Rio de Janeiro encontrar uma pessoa em um bonde, ou em um boteco, lendo a última página do jornal, onde *A vida como ela é...* era impressa. As pequenas crônicas, adaptadas para a televisão por Euclides Marinho, tratavam quase que invariavelmente de adultério, acrescidos de elementos policiais ou farsescos em algumas ocasiões.

O quadro ficou no ar até o término do ano de 1996, alcançando grande sucesso, principalmente por apresentar o universo rodrigueano ao grande pú-

blico, já que os 40 unitários produzidos foram exibidos em horário nobre. Alguns destes episódios foram reprisados em janeiro de 1997 e em julho de 2001, após o *Programa do Jô*. Além disso, a série fora exibida na França, Lituânia, Paraguai, República Tcheca, Suécia e Suíça (FILHO, 2001).

*A vida como ela é...* foi filmada totalmente em película 35mm, valendo-se de elementos da linguagem cinematográfica, com inspiração estética advinda do *film noir*. O recurso de registro em filme, fora uma proposta do diretor Daniel Filho, que, apoiado pelo diretor-geral de programação José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, convenceram os executivos da Rede Globo a viabilizar pela primeira vez uma produção, deste tipo na emissora. Diante do bom resultado, a Globo passou a utilizar película para gravações de outros programas como especiais e minisséries.

Após *A vida como ela é...*, nenhum outro texto do dramaturgo fora adaptado para tevê. Ainda assim, em 2002, a Rede Globo exibiu três episódios do programa *Brava gente*, também adaptados de crônicas de *A vida como ela é...* Foram eles *O primeiro pecado* (exibido em 30 de julho), *Diabólica* (exibido em 6 de agosto) e *Cachorro* (exibido em 13 de agosto), episódios do filme *Traição* (lançado pela Cons-piração Filmes em 1998), concebidos originalmente para a exibição cinematográfica.

A emissora levou os

episódios do filme ao ar, em virtude das comemorações dos 90 anos de nascimento de Nelson Rodrigues. Vários elementos tornaram possível a incorporação dos fragmentos do filme dentro do programa, entre eles: a proposta da atração de exibir semanalmente episódios unitários, cujo enredo fosse baseado em uma adaptação literária; o elenco de *Traição* ser composto majoritariamente por atores contratados da emissora; alguns episódios de *Brava gente* eram filmados em película; e, finalmente a linguagem derivada de videocliques e filmes publicitários adotada em *Traição*, que tornava o filme promissor a exibição televisiva (PUPPO e XAVIER, 2004).

Romances e folhetins transformados em telenovelas e minisséries. Peças teatrais registradas com linguagem singular, constituindo primorosos teatros. Crônicas de jornal transformadas em crônicas eletrônicas.

E ainda textos, escritos especialmente para a televisão, materializados em telenovelas. Observando o mapeamento das produções realizadas a partir de textos de Nelson Rodrigues para a teleficação, é possível perceber que a variabilidade de formatos sob qual sua obra apresentou-se na tevê é análoga à versatilidade do autor enquanto jornalista e escritor.

No panorama das adaptações televisivas, a flexibilidade do autor se expressa através da variabilidade similar entre os formatos de

teleficação levados ao ar: foram produzidas seis obras seriadas (*A morta sem espelho*, *Sonho de amor*, *O desconhecido*, *O homem proibido*, *Meu destino é pecar*, *Engraçadinha*) e cinco obras não-seriadas (*Vestido de noiva* (de Antunes Filho); *Vestido de noiva* (de Paulo José); *Paixão segundo Nelson Rodrigues*; *Senhora dos afogados*; *A vida como ela é...*).

Também se percebe que, a partir dos anos 1980, ocorre o privilegio da adaptação de textos do gênero narrativo (ou seja, folhetins, romances e crônicas) em detrimento de textos do gênero dramático (isto é, peças de teatro).

O predomínio do legado narrativo de Nelson Rodrigues na televisão é mantido até a atualidade, quando as adaptações mais recentes são justamente de folhetins (*Engraçadinha*) e contos (*A vida como ela é...*), revelando que a obra dramática de Nelson tem seu êxito maior conferido mesmo ao teatro e ao cinema, apesar da já comentada qualidade dos teatros adaptados de peças suas.

Outro fator relevante diz respeito à representatividade das adaptações enquanto referência do universo rodrigueano para o grande público. O que se percebe é que os dois teatros realizados pela TV Cultura (*Vestido de noiva* de Antunes Filho e *Senhora dos afogados* de Antônio Abujamra) são obras onde a autoria de Nelson é partilhada com os encenadores, responsáveis por adapta-

ções paradigmáticas da representação audiovisual da obra do dramaturgo. Estas duas produções televisivas podem ser consideradas como referenciais eruditos da obra rodrigueana.

Diferentemente destes programas, cuja releitura dos diretores fora determinante para seu resultado final, encontram-se as produções realizadas pela Rede Globo, principalmente nos anos 1990.

Em uma adaptação, é indiscutível o caráter híbrido da autoria, no entanto, a Rede Globo sempre privilegiou a fidelidade ao texto original em detrimento de propostas de novas leituras para obra. Mesmo na minissérie *Meu destino é pecar*, em que um tratamento atemporal fora dado à adaptação, o texto de Nelson Rodrigues ainda se sobressaía.

Essa lealdade texto-cêntrica, priorizada nas adaptações feitas pela Rede Globo concebeu outros paradigmas da obra rodrigueana representada na tevê: devido ao seu maior alcance de público, as adaptações Globais popularizam o texto de Nelson Rodrigues entre as mais diversas faixas etárias e classes sociais, principalmente através das produções mais recentes da emissora a partir de textos do dramaturgo. Seja porque sua repercussão entre os te-

lespectadores foi capaz de superar o impacto de produções anteriores (*Engraçadinha*); ou por levar ao ar uma produção de qualidade diferenciada em horário nobre (*A vida como ela é...*), o fato é que estes dois produtos da emissora tornaram-se a grande referência popular da obra de Nelson Rodrigues entre o grande público, principalmente entre as gerações mais jovens.

Estes paradigmas Globais da obra de Nelson Rodrigues denotam um intenso diálogo entre a linguagem cinematográfica e a televisiva, mais nitidamente na série *A vida como ela é...* que além de ser gravada em película 16mm, valeu-se da estética do *film noir* para sua concepção visual.

A opção da estética *noir* feita pelo diretor Daniel Filho conciliou-se perfeitamente com o texto original das crônicas, nas quais Nelson Rodrigues deixava transparecer sua experiência como repórter policial para a narração dos fatos, que ganhavam densidade a partir de recursos melodramáticos inseridos com propriedade pelo autor.

A matéria dos contos originais, era embebida de temáticas recorrentes na obra do autor, tais como incesto, rivalidade entre irmãs, decadência da figura masculina (pai), perversidade da figura feminina (mãe

e/ou filha), crimes passionais, e principalmente adúltero – assunto amplamente explorado nestas crônicas.

Dessa forma, a transposição da coluna de jornal para a série de tevê pode retratar metonimicamente o universo ficcional do autor, para o grande público. E mesmo para os já familiarizados com as obras de Nelson Rodrigues, foram surpreendidos pelo frescor que o suporte de uma estética cinematográfica (*film noir*) conferiu à produção.

Esta escolha da direção suprimiu o 'cariquismo' tão característico da escrita do autor, colocando em seu lugar uma ambientação remetente aos filmes policiais.

No entanto, a supressão da ambientação carioca não chegou a descaracterizar a obra, pelo contrário, conferiu-lhe universalidade, corroborando para com premissas de intelectuais e estudiosos da obra rodrigueana, que acreditam em sua possibilidade de projeção internacional,<sup>5</sup> o que já se pode apontar a partir da identificação das temáticas recorrentes, de forma nenhuma regionalistas.

Quanto à internacionalização do legado de Nelson Rodrigues, pode-se dizer que esta já ocorre em pequena escala<sup>6</sup> dada à importância que o dramaturgo tem para a cultura nacional.

5 - Dentre os intelectuais que acreditam na viabilidade da obra rodrigueana no Exterior estão Sabato Magaldi (MAGALDI, 1982) e o encenador Antunes Filho, cujas montagens teatrais Nelson Rodrigues: Eterno retorno, Nelson Rodrigues e Paraíso Zona Norte foram encenadas na Europa. O filho do dramaturgo, Joffre Rodrigues, traduziu 12 peças do pai para o inglês em parceria com Toby Coe e recentemente lançou a versão cinematográfica de *Vestido de noiva* em festivais na França, Estados Unidos e América Latina. O próprio Daniel Filho, diretor da série *A vida como ela é...* também partilha desta opinião.

6 - Nos Estados Unidos, *Vestido de noiva* foi encenada em 1997, no Theatre Forty em Los Angeles com direção de Paul Warner. Na Inglaterra, houve em 1993 uma montagem do BAC Studio de Londres chamada *Urucubaca*, baseada na peça *A Falecida*, no ano seguinte, 1994 e a peça *O Beijo No Asfalto* foi levada aos palcos pela mesma companhia; e mais recentemente em 2005, os palcos londrinos voltaram a receber uma obra de Nelson Rodrigues com a montagem do monólogo *Valsa nº 6* pelo grupo Stone Crabs, no teatro Greenwich. As versões cinematográficas dos textos de Nelson Rodrigues chegaram a ser distribuídas internacionalmente, no entanto, poucos filmes alcançaram representatividade, sendo exibidos em festivais internacionais, entre eles: *A falecida*, de Leon Hirszman, *Boca de ouro*, de Nelson Pereira dos Santos, *Toda nudez será castigada* de Arnaldo Jabor e *Vestido de noiva*, de Joffre Rodrigues. Das adaptações televisivas, a minissérie *Engraçadinha* fora exibida em Portugal, Espanha e Estados Unidos. Assim como a série *A vida como ela é...* que fora vendida a seis países.

**Referências Bibliográficas**

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DICIONÁRIO DA TV GLOBO. **Programas de dramaturgia e entretenimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. V.1., 2003.

ESQUENAZI, Rose. **No túnel do tempo**: uma memória afetiva da TV brasileira. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

FARIA, M.Cristina Brandão de. **O teatro na TV**. Vestido de noiva de Nelson Rodrigues, na te-lecriação de Antunes Filho. 2004. Tese de Doutorado em Teatro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. 4 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FILHO, Daniel. **O Circo Eletrônico**: fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MAGALDI, Sábado. **Nelson Rodrigues**: dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva/Edusp: 1987.

PUPPO, Eugenio; XAVIER, Ismail (Orgs.). **Nelson Rodrigues e o cinema**. Catálogo da Mostra 'Nelson Rodrigues e o Cinema: Traduções, Traições'. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

RAZUK, Jose Eduardo Paraíso. **Dramaturgia em transposição**: um estudo sobre Senhora dos afogados, de Nelson Rodrigues. 2003. Mestrado – Curso de Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

RITO, Lucia. **Fernanda Montenegro em o Exercício da paixão**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

SILVEIRA, Helena. Cafonismo de Nelson enfim é assumido. **Folha de S. Paulo**. 3 de abril de 1982.

VACCHIANO, Anna – **Catálogo da exposição O grande teatro tupi**. Centro Cultural Caixa Econômica Federal. São Paulo. Maio de 2005.